

**3ª Jornada de Iniciação Científica da
Fundação Casa de Rui Barbosa**

Agosto de 2008

Programação e resumos

ÍNDICE

Apresentação	05-06
Programa	07-09
Resumos	10-47
Alice Ewbank (História/UNIRIO)	10-11
Pelos caminhos de Machado Orientadora: Marta de Senna	
Bianca Rodrigues de Marco (Letras/UERJ)	12-13
O cavalo de todas as cores – João Cabral: o poeta-editor Orientadora: Eliane Vasconcellos	
Carlos Vinicius Taveira (História/PUC-Rio)	14-15
Anúncios de jornais relativos a escravos no Rio de Janeiro (1820-1840) Orientadora: Ivana Stolze Lima	
Daniela Daflon Yunes (História/PUC-Rio)	16-17
Os anúncios de jornal no cenário abolicionista Orientador: Eduardo Silva	
Davi Lucena da Silva (História/PUC-Rio)	18-19
Álvaro Moreira em <i>Fon! Fon!</i> e fora dela Orientadora: Joëlle Rouchou	
Eric Cavalcante da Silva (Ciências Sociais/UERJ)	20-21
Fofocalizando: Stanislaw Ponte Preta – instantâneos do Brasil Orientadora: Eliane Vasconcellos	

- Gabriela Alves Miranda (História/UFF)22-23
Procura-se o barão da Lagoa – a trajetória de um negociante oitocentista e o ofício de pesquisador. Algumas considerações sobre a relação entre história, historiografia e arquivo.
Orientadora: Ana Pessoa
- Jessika Fernanda Souza dos Santos (História/UVA)24-25
O patrimônio cultural brasileiro e o Conselho Federal de Cultura (1966-1974)
Orientadora: Lia Calabre
- Juliana Tillman (História/PUC-Rio)26-27
Desejo do nacional – dramaturgia de José de Alencar
Orientador: Antonio Herculano Lopes
- Leonardo da Silva Pereira (Direito/UCAM)28-29
A teoria do poder constituinte na elaboração constitucional de 1987-1988
Orientador: Júlio Aurélio Vianna Lopes
- Lisardo Lopes Gonzalez (Letras/UERJ)30-31
Vocabulário histórico-cronológico do português medieval: acréscimos, correções, exclusões
Orientadora: Ivette Savelli
- Luís Mario de Brito Júnior (Ciências Sociais/UCAM)32-33
O desenvolvimento sustentável e suas implicações culturais
Orientador: Maurício Siqueira
- Marcelo da Rocha Lima Diego (Letras/UFRJ)34-35
O exercício do pastiche em *Papéis Avulsos*
Orientadora: Marta de Senna
- Marcelo Luiz Freitas Moreira (História/UERJ)36-37
O americanismo em sua gênese: atuação e desdobramentos
Orientadora: Christiane Laidler
- Márcio Verani (Direito/IBMEC)38-39
Os debates de Felisbello Freire
Orientador: Christian Lynch

3ª Jornada de Iniciação Científica da FCRB – 2º semestre de 2008

- Maria Cristina Antonio Jeronimo (Letras/UFF)40-41
As crônicas de Artur Azevedo publicadas na seção “O Teatro” do jornal *A Notícia*
Orientadoras: Flora Süssekind e Rachel Valença
- Miriane da Costa Peregrino (Arquivologia/UFF)42-43
Cenário de conflitos: disputas no campo cultura (1970-1979)
Orientadora: Lia Calabre
- Pâmela Peregrino da Cruz (Artes Cênicas/UNIRIO)44-45
A representação do corpo brasileiro no Teatro de Revista
Orientadora: Mônica Velloso
- Robertha Pedroso Triches (História/UFF)46-47
Projetos de Brasil nas páginas do *Correio Braziliense*
Orientadora: Isabel Lustosa

APRESENTAÇÃO

O Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa foi criado em 1952, por iniciativa de Thiers Martins Moreira, abrangendo, além, é claro, das pesquisas ruianas, as áreas de Direito e Filologia, com apoio na documentação jurídica e na biblioteca de Rui Barbosa. Afora importantes estudos e edições, como por exemplo a *Bibliografia brasileira de Direito Constitucional* ou as *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*, de Antenor Nascentes, cabe mencionar ainda os estudos pioneiros sobre literatura de cordel, aqui realizados e publicados por Manuel Diegues Júnior e Manuel Cavalcanti Proença, a partir da rica coleção de folhetos então incorporada ao acervo bibliográfico.

Em 1966, a Casa de Rui Barbosa foi transformada em Fundação. No decreto de sua criação, foram definidos entre seus objetivos a pesquisa e a divulgação científica e literária; uma de suas finalidades seria o desenvolvimento da pesquisa, da cultura e do ensino.

A partir de 1972 foram iniciadas novas atividades – como exposições, cursos, conferências e seminários, reunindo expositores nacionais e estrangeiros, além dos concertos e recitais que se realizavam nos salões do museu – que passaram a dar visibilidade nacional à instituição, tornando-a uma referência na nossa vida cultural. Nesse mesmo ano foi criado o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, que passou a reunir os arquivos de diversos autores nacionais, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Pedro Nava, Clarice Lispector e muitos outros. No final de 1975 foi criado o Setor de História, para desenvolver pesquisas históricas centradas no final do império e primeiro período republicano, época de atuação de Rui Barbosa, utilizando o arquivo do patrono.

Reestruturado a partir de 1976, o Centro de Pesquisa passou a desenvolver projetos que resultaram em inúmeras publicações, na organização de seminários e ciclos de palestras e na participação dos pesquisadores da FCRB em encontros acadêmicos nacionais e internacionais.

Desde 1980 os diversos setores do Centro de Pesquisa vêm promovendo um sem-número de eventos acadêmicos e científicos, entre seminários, colóquios, simpósios, ciclos de palestras, nacionais e internacionais, quase sempre com o apoio de agências de fomento, como Capes, Faperj e CNPq. A partir de 2002 o Centro conta ainda com um Setor de Estudos de Política Cultural, com grande visibilidade externa e decisiva contribuição às incipientes pesquisas na área.

Em todos os campos de abrangência do Centro a preocupação com a formação de mão-de-obra especializada em pesquisa é uma prioridade. O programa de estágio supervisionado data de 1978,

3ª Jornada de Iniciação Científica da FCRB – 2º semestre de 2008

quando foi firmado o primeiro convênio para seleção de estudantes de graduação que participariam de projetos de pesquisa sob a supervisão de pesquisadores, já que a atividade de coordenação de projetos e orientação de bolsistas constituiu sempre um dos tópicos da avaliação semestral dos pesquisadores, hoje obrigatória para a carreira de Ciência e Tecnologia. Dentre os estagiários do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa, muitos se tornaram profissionais reconhecidos nacional e internacionalmente.

Atualmente a Casa de Rui Barbosa conta com bolsistas mantidos com recursos próprios, com o convênio firmado com a Faperj e com uma cota de dez bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq, onde temos tido avaliação máxima desde a inclusão do Centro de Pesquisa no programa.

O conjunto dessas ações constitui o Programa de Iniciação Científica da Casa de Rui Barbosa, do qual esta III Jornada de Iniciação Científica faz parte. Como prova da importância atribuída ao evento e da seriedade com que o encaramos, foi criada nas Edições Casa de Rui Barbosa a partir de 2006 a série Cadernos de Iniciação Científica, com os trabalhos premiados a cada ano. É uma forma de estimular os bolsistas e familiarizá-los com a sadia prática de associar a avaliação pelos pares ao prêmio de publicação, tão importante como coroamento da atividade de produção de conhecimento.

Os bons frutos que temos colhido desde a implantação do programa se devem em grande parte ao Comitê Institucional de Iniciação Científica, composto pelas pesquisadoras Marta de Senna, Eliane Vasconcellos e Ivana Stolze Lima, esta última coordenadora institucional do Programa, que conta ainda com a coordenação administrativa de Marília Lutfi; aos avaliadores externos, que aceitaram nosso convite para participar da Jornada 2008: Fernando Lattman-Weltman, do Cpdoc-FGV e da PUC-Rio, Marco Antonio Pamplona, da PUC-Rio e Teresa Cerdeira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também ao corpo de pesquisadores deste Centro, por seu empenho e seriedade nas tarefas trabalhosas de orientação e acompanhamento dos bolsistas, se deve atribuir, sem dúvida, o bom resultado alcançado.

Aos jovens bolsistas, que trouxeram à nossa sisuda atividade de pesquisa um sopro de irreverência, de questionamento, de entusiasmo e de alegria, desejamos muito sucesso na carreira que se inicia sob tão bons auspícios.

Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, julho de 2008.

Rachel Valença
Diretora do Centro de Pesquisa

PROGRAMA

Local: Sala de cursos

Abertura 9h

José Almino de Alencar (Presidente da FCRB)

Rachel Valença (Diretora do Centro de Pesquisa da FCRB)

Ivana Stolze Lima (Coordenadora do Programa de Iniciação Científica)

Sessão 1 – 9h30min às 10h30min

Avaliador: Teresa Cristina Cerdeira da Silva (UFRJ)

Coordenadora: Laura Regina Xavier (AMLB/FCRB)

9h30min

"Pelos caminhos de Machado"

Alice Ewbank (História/UniRio)

Orientadora: Marta de Senna

9h40min

"O exercício do pastiche em *Papéis Avulsos*"

Marcelo da Rocha Lima Diego (Letras/UFRJ)

Orientadora: Marta de Senna

9h50min

"O cavalo de todas as cores – João Cabral: o poeta-editor"

Bianca Rodrigues de Marco (Letras/UERJ)

Orientadora: Eliane Vasconcellos

10h

"Fofocalizando: Stanislaw Ponte Preta – instantâneos do Brasil"

Eric Cavalcante da Silva (Ciências Sociais/UERJ)

Orientadora: Eliane Vasconcellos

10h10min

"As crônicas de Artur Azevedo publicadas na seção "O Teatro" do jornal *A Notícia*"

Maria Cristina Antonio Jerônimo (Letras/UFF)

Orientadora: Rachel Valença e Flora Sússekind

10h20min

"Vocabulário histórico-cronológico do português medieval: acréscimos, correções, exclusões"

Lisardo Lopes González (Letras/UERJ)

Orientadora: Ivette Savelli

10h30min – 10h50min – Debate

Sessão 2 – 10h50min-12h10min

Avaliador: Fernando Lattman-Weltman (Cpdoc/FGV e PUC-Rio)

Coordenador: Charles Gomes (Setor de Pesquisa em Direito/FCRB)

10h50min

"Os debates de Felisbello Freire"

Márcio Verani (Direito /IBMEC)

Orientador: Christian Lynch

11h

"O americanismo em sua gênese: atuação e desdobramentos"

Marcelo Luiz Freitas Moreira (História/UERJ)

Orientadora: Christiane Laidler de Souza

11h10min

"A teoria do poder constituinte na elaboração constitucional de 1987-1988"

Leonardo da Silva Pereira (Direito/UCAM)

Orientador: Júlio Aurélio Vianna Lopes

11h20min

"O patrimônio cultural brasileiro e o Conselho Federal de Cultura (1966-1974)"

Jessika Fernanda Souza dos Santos (História/UVA)

Orientadora: Lia Calabre

11h30min

"Cenário de conflitos: disputas no campo cultura (1970-1979)"

Miriane da Costa Peregrino (Arquivologia/UFF)

Orientadora: Lia Calabre

11h40min

"O desenvolvimento sustentável e suas implicações culturais"

Luís Mario de Brito Jr. (Ciências Sociais/UCAM)

Orientador: Maurício Siqueira

11h50min-12h10min – Debate

12h15min-14h30min – Intervalo para almoço

Sessão 3 – 14h30min - 16h

Avaliador: Marco Antonio Pamplona (PUC-Rio)

Coordenadora: Laura do Carmo (Setor de Estudos Ruianos/FCRB)

14h30min

"Procura-se o Barão da Lagoa – a trajetória de um negociante oitocentista e o ofício de pesquisador. Algumas considerações sobre a relação entre história, historiografia e arquivo."

Gabriela Alves Miranda (História/UFF)

Orientadora: Ana Maria Pessoa dos Santos

14h40min

"Projetos de Brasil nas páginas do Correio Braziliense"

Robertha Pedrosa Triches (História/UFF)

Orientadora: Isabel Lustosa

14h50min

"Anúncios de jornais relativos a escravos no Rio de Janeiro (1820-1840)"

Carlos Vinícius Taveira (História/PUC-Rio)

Orientadora: Ivana Stolze Lima

15h

"Os anúncios de jornal no cenário abolicionista"

Daniela Daflon Yunes (História/PUC-Rio)

Orientador: Eduardo Silva

15h10min

"Desejo do nacional – dramaturgia de José de Alencar"

Juliana Tillman (História/PUC-Rio)

Orientador: Antonio Herculano Lopes

15h20min

"A representação do corpo brasileiro no Teatro de Revista"

Pâmela Peregrino da Cruz (Artes Cênicas/UniRio)

Orientadora: Mônica Velloso

15h30min

"Álvaro Moreira em *Fon! Fon!* e fora dela"

Davi Lucena da Silva (História/PUC-Rio)

Orientadora: Joëlle Rouchou

15h40min-16h – Debate

16h-16h30min - Palestra de encerramento:

"A importância da iniciação científica para o historiador: entre o ensino e a pesquisa"

Marco Antonio Pamplona (PUC-Rio)

Pelos caminhos de Machado

Bolsista: Alice de Oliveira Ewbank (História/UNIRIO)

Orientadora: Marta de Senna

Projeto: Índice analítico das citações e alusões na ficção de Machado de Assis/Edição dos romances de Machado de Assis como hipertextos

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa Ruiana

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

Proponho aos leitores um passeio pelo Rio de Janeiro do século XIX. Embora possa parecer uma proposta banal, acredito que forme um bom desenho dos projetos nos quais trabalhei nesses últimos dois anos. Explico melhor: ao longo desse tempo integrando dois projetos relacionados a Machado de Assis, um já concluído e outro ainda no começo, tive contato com uma série de informações complementares à pesquisa.

No desenvolvimento do primeiro projeto, o banco de dados contendo as citações e alusões da ficção machadiana (que resultou num *site* de busca na Internet), entre as muitas referências localizadas, algumas acabaram sendo deixadas de lado. Eram referências a lugares, presentes constantemente na obra do autor. Mas, como ocorre em todas as pesquisas, acredito, essas informações não foram descartadas, sendo apenas guardadas para um possível uso futuro.

No último ano, minhas leituras se concentraram na busca de solução para pendências da base de dados (de um total de 2.194 registros, 49 ainda não foram identificados e/ou esclarecidos). Entre estas, destaco as peças *Le mariage d'Olympe*, de Émile Augier, e *À quoi rêvent les jeunes filles*, de Alfred de Musset; obras de Herbert Spencer pertencentes à biblioteca de Machado de Assis, hoje na Academia Brasileira de Letras; e, sobretudo, boa parte da obra do Padre Manuel Bernardes (século XVII), a que Machado se refere mais de uma vez, sem, no entanto, localizar as alusões. Para a leitura de cinco volumes da obra de Bernardes, passei muitas tardes no Real Gabinete Português de Leitura e, se não consegui elucidar todas, pelo menos uma das referências pendentes foi encontrada: as "saudades do céu", de que fala o narrador de *Quincas Borba*, remetendo ao eclesiástico português.

Como um complemento do primeiro projeto, o segundo, "Edição dos romances de Machado de Assis como hipertextos" integra as referências já localizadas no projeto anterior para melhor situar o leitor na obra do Bruxo. Diferentemente do banco de dados, agora *website*, os lugares não alusivos (isto é, não carregados de significação simbólica) serão incluídos nesse novo projeto. Deixados de lado, mas nunca esquecidos!

A partir da inclusão desses lugares (e instituições) como *hyperlinks* no texto eletrônico dos romances machadianos é que me proponho (e convido o leitor a me acompanhar) passear pelo Rio de Janeiro de Machado de Assis: começemos no Hotel Pharoux (na atual Praça Quinze), onde Brás Cubas jantava às vezes, percorramos a rua Direita (atual Primeiro de Março), para um sorvete no Carceler. Já que estamos na esquina da rua do Ouvidor, visitemos a livraria Garnier, onde Machado se reunia toda tarde com os intelectuais seus amigos, passemos à porta do *Correio Mercantil*, para o qual escreveu na juventude, deslumbremo-nos com as joalherias, como a do Farâni, em que uma personagem sua compra um diadema em forma de lua crescente e o dá... à amante...

Para um *gran finale*, convido-os a percorrerem comigo a zona dos teatros, próximo ao largo do Rocio, ou praça da Constituição (hoje Tiradentes): o São Pedro (hoje João Caetano), o Ginásio Dramático, o Teatro Lírico. Se fizerem silêncio e deixarem a imaginação voar, serão capazes de ouvir o João Caetano dizendo versos de Shakespeare, ou a Candiani a cantar uma ária da *Norma* de Bellini...

Referências Bibliográficas:

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974, v. 1 e 2.

AUGIER, Émile. *Le mariage d'Olympe*. Paris: Michel Lévy frères, 1881.

BERNARDES, Pe. Manuel. *Nova floresta*. Porto: Lello & Irmão, 1949, 5 v.

_____. *Luz e calor*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1758.

GRINBERG, Keila, ALMEIDA, Anita Correia Lima de, GRINBERG, Lúcia. *Para conhecer Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MUSSET, Alfred de. *À quoi rêvent les jeunes filles*. Paris: A. Girard, 1928.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do Bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

O cavalo de todas as cores – João Cabral: o poeta-editor

Bolsista: Bianca Rodrigues de Marco (Faculdade de Letras / UFRJ)

Orientadora: Eliane Vasconcellos Leitão

Projeto: Acervos literários brasileiros – João Cabral de Melo Neto

Unidade / Setor: Centro de Memória e Informação / Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: março de 2008 a julho de 2008

“Nunca fui exatamente um editor. Só editei livros de amigos. Eu ia atrás deles, pedia a obra e editava.”¹

1. Introdução

João Cabral de Melo Neto, conhecido por suas obras como poeta, também teve suas habilidades voltadas para o trabalho como editor, publicando obras de seus amigos e buscando empreender o projeto de editar um periódico, como se pôde observar em leitura de suas cartas a Clarice Lispector, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Tal projeto tomava forma desde o final dos anos 40, período em que foi transferido como vice-cônsul para o Consulado Geral de Barcelona. Nesse momento, Cabral passava por problemas de saúde e, por razões terapêuticas, decidiu comprar uma prensa.

Em 11 de setembro de 1949, surge a idéia, em cartas ao escritor Alberto de Serpa, da publicação de uma revista de tiragem pequena, trimestral, dedicada à divulgação de poesias, que mais tarde foi intitulada *O cavalo de todas as cores*.

O cavalo de todas as cores começou a sair das cartas para tomar forma em novembro de 1949, com a impressão das “Nove canções católicas”, de Pedro Homem de Mello, e do poema “Bomba atômica”, de Vinicius de Moraes.

Em 5 de março de 1950, os 200 exemplares já estavam prontos e sendo enviados em pequenas remessas com 10 exemplares a Portugal.

Em tom melancólico, o *Cavalo de todas as cores* se despediu do universo literário brasileiro, não chegando ao conhecimento de muitos. Hoje, é uma raridade bibliográfica, como os outros impressos de João Cabral de Melo Neto.

¹ MELO NETO, João Cabral de. *Cadernos de literatura brasileira*. João Cabral de Melo Neto. – São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996

2. Objetivos

Primeiramente, esta pesquisa visou à organização da *produção intelectual* do arquivo do poeta, com o intuito de difundir a vida e obra cabralina no meio acadêmico.

O presente estudo orientou-se de forma a resgatar o *Cavalo de todas as cores* como um importante representante do trabalho de João Cabral como editor e destacar a atuação do poeta-editor pernambucano no meio intelectual espanhol.

3. Metodologia

Primeiramente, julgou-se necessário o conhecimento da vida e da obra de João Cabral de Melo Neto. De posse das informações encontradas na biobibliografia consultada, passou-se à ordenação propriamente dita do arquivo. Seguiu-se o modelo de arranjo proposto pelo AMLB, detendo-se, também, no estudo do banco de dados utilizado pela FCRB, segundo o formato MARC. A partir daí, foram ordenados e identificados os documentos da série *produção intelectual* e *produção intelectual de terceiros*. Feito isto, realizaram-se a leitura dos documentos, os resumos e a transposição de dados para as planilhas elaboradas pelo AMLB. Por fim efetuou-se a digitação dos dados e a codificação dos documentos no sistema de informática do Arquivo-Museu.

Após essa etapa, considerou-se de relevância a divulgação do trabalho de João Cabral como editor, já que este manifestava o interesse pela organização e impressão de periódicos.

4. Conclusões

Após os trabalhos de organização e pesquisa, pôde-se perceber a importância do acesso aos documentos dos escritores, já que possibilitam um maior conhecimento do seu pensamento e do seu processo de criação, bem como de seus projetos, realizados ou não.

5. Referências bibliográficas

MELO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MELO NETO, João Cabral de. *Cadernos de literatura brasileira*. João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

OLIVEIRA, Marly de (Org.). *Obra Completa de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

RICCIARDI, Giovanni. *Auto-retratos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991

Anúncios de jornais relativos a escravos no Rio de Janeiro (1820-1840)

Bolsista: Carlos Vinicius da Silva Taveira (História/PUC-Rio)

Orientadora: Ivana Stolze Lima

Projeto: Língua nacional, voz escrava. Conflitos sociais e simbólicos no Império do Brasil

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em História

Agência de financiamento: CNPq

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

O objetivo da pesquisa Língua nacional, voz escrava. Conflitos sociais e simbólicos no Império do Brasil, sob orientação da professora e pesquisadora Ivana Stolze Lima, é compreender as relações entre o processo de nacionalização da língua portuguesa no Brasil e os escravos crioulos e africanos, falantes de diferentes línguas de origem africana. O estudo da temática lingüística do período nos revela pontos como as formas de sociabilidade entre os próprios escravos de diferentes etnias africanas. Além da historiografia relativa à escravidão no Brasil, a pesquisa inclui a história da África, sobretudo de aspectos relacionados ao tráfico de escravos. O espaço social de análise é o Rio de Janeiro entre os anos de 1820 e 1870, período em que na cidade se situava a capital do Império do Brasil e onde conviviam inúmeros agentes sociais, como políticos, homens livres, viajantes e sobretudo escravos originários das mais variadas etnias africanas e alguns nascidos no país, chamados crioulos.

Ao lado da discussão historiográfica, a metodologia específica deste plano de trabalho se baseou na coleta de anúncios de fuga, venda e aluguel de escravos. Até o momento foi realizada a coleta de anúncios entre os anos de 1821 e 1827 no *Diário do Rio de Janeiro* e de 1827 a 1840 no *Jornal do Commercio* totalizando um número de 485 anúncios coletados, que serão na próxima etapa inseridos em uma base de dados, que proporcionará a análise seriada do material. É possível observarmos referências ao modo e à qualidade de compreensão e fala por parte do escravo do idioma português e, em alguns casos, de outros idiomas. Procura-se assim identificar categorias de caracterização lingüística dos escravos e relacioná-las à condição de crioulo ou africano e a outros critérios, como profissão e idade.

Para concluir, o primeiro ano da pesquisa Língua nacional, voz escrava. Conflitos sociais e simbólicos no Império do Brasil nos proporcionou resultados ainda parciais. Devemos salientar o avanço na categorização da utilização da linguagem por parte de escravos e de sua importância dentro da sociedade do período. Dentro desse amplo leque, selecionei para um enfoque mais específico nesta apresentação os anúncios de vendas e aluguel, que se diferenciam dos anúncios de fuga e que formam um conjunto bem menor. É possível observar nas descrições o destaque positivo ao domínio da língua portuguesa pelo escravo, bem como a outras línguas e mesmo à escrita.

Bibliografia.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

LIMA, Ivana Stolze. Entre a língua nacional e a fala caçange: representações sociais sobre a língua no Rio de Janeiro. In Wilma Peres Costa; Cecília Helena de Salles Oliveira. (org.). *De um Império a outro: formação do Brasil, séculos XVI e XIX*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2007, pág. 63-99

_____. *Cores marcas e falas: sentidos de mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

_____. *Luis Maria da Silva Pinto e o Dicionário da língua brasileira, Ouro preto 1832*, Revista Humanas, v. 28,2006 pags. 37 a 63

MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é lingüística?* São Paulo: Brasiliense, 1999.

RODRIGUES, Jaime. *De Costa a Costa: escravos marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)* São Paulo: Cia das letra, 2005

THORNTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier:Campus, 2004 (pág.253-278).

Os anúncios de jornal no cenário abolicionista

Bolsista: Daniela Daflon Yunes (História / PUC-Rio)

Orientadora: Eduardo Silva

Projeto: Resistência Negra, Teatro e Abolição da Escravatura: Uma Investigação de História Cultural

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em História

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

Introdução:

A pesquisa realizada tem como um de seus temas principais a participação dos artistas de teatro e das classes populares, sobretudo dos próprios negros, na causa abolicionista. Para tanto, o projeto se desenvolveu baseado em jornais encontrados em arquivos e em leituras paralelas que auxiliaram o desenvolvimento do mesmo.

O periódico de indiscutível importância para a realização do meu trabalho foi o jornal *Cidade do Rio* de cunho claramente abolicionista, cuja propriedade e direção eram do Sr. José do Patrocínio. Nesse jornal desenvolvemos trabalhos de cujos anúncios fizemos a análise. Os anúncios puderam ser analisados como o espelho da procura do jornal e de sua circulação. Dessa forma, não só o conteúdo anunciado, mas também a quantidade de anúncios indicam a fluência na compra do próprio jornal. Este se constitui como importante meio de divulgação não só de idéias, como também de produtos.

Os jornais ideologicamente estruturados não se desviavam de sua coerência ao permitir o anúncio. Sendo assim, o texto publicitário ia ao encontro da filosofia jornalística; por vezes isso era evidente, outras não. Nesse jornal, por razões óbvias, não encontramos nenhum anúncio que fizesse menção a escravo, ou anúncio de escravo fugido, de troca ou tampouco de venda. É nesse momento que o anúncio se torna um importante documento histórico de análise de um determinado pensamento.

Objetivos do projeto:

- Comparar no jornal a quantidade de matéria jornalística em relação à matéria publicitária, para verificar no todo do jornal quanto de matéria publicitária sustenta a ideologia do jornal.
- Avaliar em que momento se verificou o aumento do espaço ocupado pela propaganda.
- Identificar que ramos de atividades anunciavam no jornal.
- Perceber onde estavam alocados a maioria dos anunciantes, verificando o centro de comércio no qual o jornal circulava.

Metodologia e Técnicas de Pesquisa

Foram levantados do ano de 1887 três números - outubro, novembro e dezembro - e do ano de 1888 mais doze números – um a cada mês. A escolha dos dias passou por todos os dias da semana e alternando em dias do mês, de maneira que o mapeamento do jornal e de suas especificidades fosse alcançado.

3ª Jornada de Iniciação Científica da FCRB – 2º semestre de 2008

Para uma primeira abordagem, foi medido proporcionalmente ao seu tamanho o espaço ocupado pelo anúncio em cada exemplar na unidade de medida cm³ e comparado com o espaço ocupado pela matéria jornalística.

Posteriormente, foi trabalhado cada anúncio para que pudessem ser estabelecidos os ramos de atividades, e assim concluir quais ramos eram mais presentes na exposição do periódico.

Por último, foram analisados todos os endereços dos anunciantes, para que ao final pudesse ser constatado o local de maior concentração de anunciantes do periódico, e assim, a noção exata do centro comercial estaria garantida. Isso foi feito em cada dos 15 exemplares de nossa amostragem.

Conclusões:

As conclusões encontram-se em gráficos percentuais, onde podemos verificar, a partir dos nossos objetivos, que a quantidade maior de anúncios foi referente aos meses do entorno da Abolição, ou seja, uma linha que ascendia ao final de março, com seu ápice em maio. Por esse ponto de vista, percebemos que o aumento no número de anúncios pode indicar um nível de leitura superior ao tradicional, pois, caso não houvesse leitores, os anunciantes não escolheriam o jornal para divulgar seus produtos. Concluindo: o aumento na compra do jornal, e, portanto, o aumento na sua leitura, levou a um aumento no número dos anúncios, sendo o retorno para o anunciante dado como certo.

Já no gráfico de ramo de atividade ficam evidentes que “vestuário” e “farmácia” são os maiores anunciantes e, portanto, sustentam a ideologia desse jornal.

E no gráfico de endereços, a conclusão é que a maior concentração de lojas encontrava-se nas ruas Uruguaiana e do Ouvidor, estando lá o centro comercial de principal circulação do periódico

Fonte Primária:

Cidade do Rio, Rio de Janeiro. 1888 – 1889

Referência Bibliográficas:

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979; pág. XXIX.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Dom Obá I D'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras 1997.

_____. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Cia das Letras, 2003

Álvaro Moreira em *Fon Fon!* e fora dela

Bolsista: Davi Lucena da Silva (História/PUC-Rio)

Orientadora: Joelle Rouchou

Projeto: As crônicas de Álvaro Moreira em *Fon Fon!* (1910-1915)

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em História

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

Falar de Álvaro é falar da vida e do homem cativante que, por onde passou, deixou uma marca pessoal seu carisma. Esta descoberta só pôde ser sentida após o contato com o escritor através de sua obra. Para desvendar esse homem tão cheio de vida, o ponto de partida foi localizar nos periódicos digitalizados da revista *Fon-Fon!*, no *site* da Biblioteca Nacional, as crônicas de Álvaro Moreyra. Além destas, todos os trabalhos desse rio-grandense, como piadas, poesias ou publicações de colaboradores da *Fon-Fon!* sobre nosso pesquisado foram durante o período (1910-1915) separados e salvos em arquivo. Da Biblioteca Nacional nos mudamos para a Academia Brasileira de Letras (ABL) onde havia materiais que enriqueceram muito este trabalho em *Fon-Fon!*

Este processo teve um início penoso pela minha inexperiência, em virtude de este ser meu primeiro trabalho de pesquisa. Um fator adicional de apreensão foi eu não localizar nada nas primeiras semanas de pesquisa no *site* da Biblioteca Nacional. Essa apreensão ocorreu porque minha orientadora pediu-me para localizar vestígios de Álvaro em *Fon-Fon!* a partir de 1912, pois 1910 e 11 ela já pesquisara. Justamente em 12, nosso estudado estava na Europa e nada encontrávamos até então. Quando encontrei a primeira publicação enviei um *email* animado para Joelle e só mais à frente descobrimos que ele viajara. Desse momento em diante, muitas publicações foram identificadas e para não perdermos a origem da divulgação selecionada, passei a salvar com número da revista, página e ano todo novo achado. Como de um ano para o outro havia muitos arquivos, abrimos pastas individuais para cada ano e em cada ano salvávamos as publicações desejadas.

Após essa primeira etapa concluída, tive dificuldade para encontrar os interlocutores de Álvaro Moreyra no acervo da Biblioteca Nacional, único consultado até então. Partimos para uma visita frutífera à ABL e descobrimos nos anais dessa instituição as atas das sessões da Academia. Nestas havia algumas homenagens ao nosso Álvaro, pois nelas há sempre um homenageado, geralmente acadêmico. Nosso método de arquivo do material não mudou; a diferença, porém, foi que as atas tinham que ser transcritas e posteriormente digitadas para que a orientadora tivesse acesso ao conteúdo das sessões escolhidas.

Ao término dessa tarefa, Joelle queria um documento em áudio ou vídeo. Esta foi a experiência mais laboriosa da pesquisa, pois, ao conseguir a entrevista de Álvaro para José Amádio, tive que conviver com uma gravação deteriorada pelo tempo, além do desafio de transcrever duas longas fitas em pouco tempo. Nesse trabalho, novamente senti minhas limitações, mas pela formação em jornalismo da orientadora o trabalho pôde ser concluído com êxito. Em seguida, passamos a pesquisar os assuntos sobre nosso investigado em jornais. Novamente o ofício de jornalista de minha orientadora entrou em ação para produzirmos um arquivo onde uma súmula do conteúdo da reportagem pesquisada estivesse à disposição.

Toda esta experiência proporcionou a frase introdutória deste texto, pois ao longo de todo o trabalho lia que Álvaro era fantástico, uma pessoa com um astral elevado, humorado, etc. De início fui cético e achava tudo isso uma diplomacia exagerada. Entretanto, comecei a mudar de opinião quando comecei a ler a principal obra desse gaúcho – “As Amargas não...” – onde ele constrói uma cronologia pessoal dos momentos que não se perderam com o tempo. Passei a admirar não apenas o poeta, mas o homem com uma sensibilidade em conduzir o leitor não à imaginação, mas a sua lembrança, por exemplo, de uma das histórias de sua avó. Não totalmente crente, pois creio que os poetas têm uma magia da escrita que nos enfeitiça; pude admirá-lo mais ainda, quando comecei a ouvir e transcrever sua entrevista para José Amádio. Nesta época, Álvaro já estava velho, cego e com outras limitações, mas não sem vida e vontade de viver.

Bibliografia:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1910até1915/fonfon.htm

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – Anais do 2º semestre dos anos de: 1964/ Vol.108; 1968/ Vol. 116; 1974 – Vol. 128; 1984 – Vol. 148 e 1993 – Vol. 166.

Entrevista do arquivo audiovisual da ABL

MOREYRA, Álvaro. As Amargas Não... . Ed.Lux. RJ. 1954.

“Fofocalizando”: Stanislaw Ponte Preta – instantâneos do Brasil

Bolsista: Eric Cavalcante da Silva (Ciências Sociais / UERJ)

Orientadora: Eliane Vasconcellos

Projeto: Acervos literários brasileiros – Sérgio Porto

Unidade / Setor: Centro de Memória e Informação / Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

Doado, no primeiro semestre de 1996, ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa, o acervo do escritor Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) constitui substancial fonte de pesquisa. Dele fazem parte diversas tipologias documentais de incontestável relevância para os estudos literários brasileiros, tais como cartas, crônicas, roteiros, revistas, impressos, documentos pessoais, entre outros.

Dividido entre o nome Sérgio Porto e o pseudônimo Stanislaw Ponte Preta, o autor é um dos maiores nomes da escrita humorística brasileira, sendo, o primeiro, dedicado à invenção literária e, o segundo, à produção jornalística. Divisão esta que, no entanto, nem sempre se mantém de pé, uma vez que não seria equivocado enfatizar a interpenetração do estilo de um no outro; isto é, da escrita literária ficcional na crônica humorística da realidade, e vice-versa.

Primeiramente, esta pesquisa visou à organização dos originais das crônicas relativos à coluna diária (1965 a 1968) “Fofocalizando”, publicada no jornal *Última Hora*, e considerada de primordial relevância para o retrato da inusitada atmosfera do quadro econômico, político e social do Brasil nos primeiros anos que se seguem ao “Golpe de 1964”.

O segundo objetivo deste projeto focou-se, à luz de literatura referente, na leitura mais criteriosa e na seleção das crônicas que, entende-se, melhor exprimem o tratamento conferido pelo cronista aos acontecimentos locais, o que, sem dúvida, poderá facilitar a pesquisa daqueles que anseiam por um recorte mais emotivo e menos conceitual, porém não menos autêntico, do caráter nacional.

Em um primeiro momento, o arquivo de Sérgio Porto foi ordenado nas seguintes séries: (1) *Correspondência pessoal*; (2) *Correspondência familiar*; (3) *Correspondência de terceiros*; (4) *Produção intelectual do titular*; (5) *Produção intelectual de terceiros*; (6) *Documentos pessoais*; (7) *Documentos complementares*. Depois, separou-se a série produção intelectual, a qual correspondem os originais da coluna aludida anteriormente, empreendendo-se a sua higienização (retirada de grampos, cliques) e seu arranjo cronológico, sempre que possível, em anos, meses e dias.

Feito isso, deu-se início à leitura dos documentos, à redação dos respectivos resumos e à transposição de dados para planilhas modelo AMLB. No que toca à análise do conteúdo das crônicas, bem como de sua contribuição para uma compreensão sociológica mais apta a abarcar as especificidades nacionais – que constitui o objetivo da análise proposta –, foi de suma importância a leitura do artigo *A propósito da poesia como método sociológico*, de Roger Bastide, que ainda em 1946, já se dava conta da singularidade nacional e da necessidade da execução da tarefa sociológica do poeta e da tarefa poética do sociólogo no caso específico do Brasil. Tomando assento sobre a teoria de Bastide, se pode derivar a assertiva acerca do fato de o trabalho sociológico brasileiro estar fadado a lacunas interpretativas caso rejeite ou negligencie a contribuição de outras linguagens, predominantemente surgidas com o Modernismo brasileiro que, em parte restritas e em parte difusas, foram e são capazes de produzir um retrato não menos autêntico acerca da identidade nacional.

Corolariamente perguntar-me-iam: mas em que se relaciona a crônica humorística com a poesia? Talvez, a princípio, deva-se restringir a responder suposta interrogação com uma outra: seria a poesia somente aquela beleza estética passível de versificação ou seria a mesma aquela atividade gratuita de espíritos raros, capaz de conferir aos acontecimentos e ao mundo em sua volta um sentido diferente, uma interpretação distinta, subjetiva, lírica, onisciente, realizada em si mesma, para além das explicações e justificativas comuns dos meios e dos fins da vida dos dias? Somando-se a isto, poderia se oferecer ainda, como amparo teórico, a resposta dada pelo poeta Jorge de Lima quando, na primeira metade do século passado, consultado por um periódico acerca da forma de expressão artística que mais o agradava, sabiamente, respondeu que era a poesia, pois a mesma não se restringiria aos poemas, mas estaria presente também na prosa, na pintura, na escultura, na música, no teatro, enfim, na arte em geral. E por que não na crônica humorística, que eleva o inusitado e o ridículo ao patético, ao enternecedor, ao tocante, à comoção e ao riso?

Indubitavelmente, ao se ter acesso aos manuscritos ou a quaisquer outros documentos que aludam à produção intelectual do diversificado elenco de autores da literatura brasileira, o pesquisador encontra um caminho mais concreto e seguro para seguir em sua tarefa primordial concernente ao exame de idéias – a visão crítica.

Bibliografia:

PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. *Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta)*: seleção de textos, estudos biográficos, histórico-crítico e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1988. (Literatura comentada)

BASTIDE, Roger. *Sociologia*. Organização de Tasso da Silveira. São Paulo: Ática, s.d.

Procura-se o barão da Lagoa – a trajetória de um negociante oitocentista e o ofício de pesquisador. Algumas considerações sobre a relação entre história, historiografia e arquivo.

Bolsista: Gabriela Alves Miranda (História/UFF)

Orientadora: Ana Pessoa

Projeto: Formas de morar, cidade e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista: a casa do barão da Lagoa.

Unidade / Setor: Centro de Memória e Informação

Agência de financiamento: FCRB/CIEE

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

O projeto de Ana Pessoa insere-se na linha de pesquisa *Memória e Preservação: conservação e informação*, voltada para estudos relacionados aos acervos da instituição FCRB, e visa contribuir com a história da ocupação do atual museu-casa e seu jardim, para além do seu patrono, estendendo os estudos ao momento anterior à chegada de Rui.

Neste momento, amparando-se na noção de documento/monumento cunhada por Jacques Le Goff, a pesquisa se ocupou da análise crítica e comparativa dos inventários *post-mortem* do barão e da baronesa da Lagoa, datados respectivamente de 1877 e 1895, entendendo que tais documentações podem enriquecer a história do patrimônio ao tratá-lo como signo da sociedade imperial brasileira.

Cabe frisar que o barão da Lagoa pertence a uma determinada fração dessa sociedade. Sua trajetória é exemplar dos portugueses da classe de negociantes de grosso trato. De comerciante na praça da corte no ramo de tecidos, morando na rua do Ouvidor, torna-se capitalista, vivendo dos rendimentos de imóveis alugados, apólices e ações de empreendimentos relacionados ao processo de modernização do país, majoritariamente urbanos, indo morar em Botafogo, bairro que se tornará símbolo do padrão de vida aristocrático.

Os dados encontrados nos inventários, que a apontam para a perda de poder aquisitivo do barão, documentam a vida social e econômica do período, e ilustram uma nova mentalidade dos negociantes no Rio de Janeiro. O empreendedorismo característico dos negociantes por volta do último quartel do século XIX, dos quais o barão de Mauá é o representante mais ilustre, e da Primeira República no Rio de Janeiro, quando a cidade ainda ocupava a posição de centro financeiro nacional, é considerada atualmente muito mais propulsora da origem do processo industrial do país, sendo este menos dependente do capital de cafeicultores, conforme se presumia. Esta interpretação vai de encontro a uma historiografia paulista, que estabelecia uma relação direta entre a economia agroexportadora e a industrialização no Brasil. Desconsiderava as especificidades da política monetária do período,

marcada por outros fatores, como o capital comercial bancário e das sociedades anônimas, assim como o papel desempenhado por empresários de outras nacionalidades no mercado interno.

A busca documental por indícios da vida do barão da Lagoa e outros personagens ligados à sua sociabilidade nos fala de um retorno à história biográfica, afinada, porém, com as novas preocupações propostas pela história social e, sendo portanto, um objeto legítimo de análise. Partindo do princípio de que a fonte inventarial é o ponto de chegada de uma trajetória empresarial torna-se fundamental a reconstituição dessa carreira através de outros documentos complementares aos inventários. Foram consultados, entre outros, os livros de matrícula na Junta do Comércio, os registros de escrituras, os processos comerciais, o *Almanak Laemmert*, pedidos de licença de obras. As lacunas e dificuldades dessa procura em arquivos – sobretudo tendo como fim uma pesquisa não seriada – traz à tona algumas questões acerca da guarda, proteção e acesso a acervos históricos.

Principais referências documentais:

Inventário de barão da Lagoa, Bernardo, 1895. Museu da Justiça. Rio de Janeiro. Inventário de baronesa da Lagoa, Elidia, 1877. Museu da Justiça. Rio de Janeiro

Principais referências bibliográficas:

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2 ed São Paulo: Companhia Nacional, 1976.

FRAGOSO, João Luis Ribeiro e PITZER, Renato Rocha. “Barões, Homens Livres e escravos: notas sobre uma fonte múltipla.” *Revista Arrabaldes*. Ano I n°2. set/dez, 1988.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. “Fontes para a história do comércio no Rio de Janeiro”. *América Latina en la Historia Económica*, num 9, enero-junio 1998.

O Patrimônio Cultural Brasileiro e o Conselho Federal de Cultura (1966-1974).

Bolsista: Jessika Fernanda Souza dos Santos (História – UVA)

Orientadora: Lia Calabre

Projeto: A ação federal na cultura: memória e história.

Unidade / Setor: Estudos de Política Cultural

Agência de financiamento: FCRB/CIEE

Período da bolsa: : fevereiro a julho de 2008.

O trabalho tem como objetivo estudar a relação do Governo Federal com a área do patrimônio histórico e artístico, entre os anos de 1966 e 1974, a partir do Conselho Federal de Cultura. É resultado dos levantamentos preliminares que integram o projeto de recuperação da história da ação pública federal na cultura nas décadas de 1960 e 1970; e o recorte apresentado deverá ser objeto de monografia de final de curso de graduação de história.

O Conselho Federal de Cultura (CFC) foi criado em 21 de novembro de 1966, pelo Decreto-Lei nº 74, vindo a vigorar em 17 de Fevereiro de 1967, pelo Decreto n. 60.237, no momento em que a cultura estava ocupando um lugar de destaque no Governo Federal. O CFC foi criado em substituição ao Conselho Nacional de Cultura, que funcionava desde 1961. Era constituído por 24 membros – que eram nomeados pelo Presidente da República; já o presidente e o vice eram escolhidos pelos conselheiros através de votações; havia ainda a presença de um secretário-geral, sendo este fixo – divididos em quatro câmaras: Artes, Letras, Ciências Humanas e Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo também, como uma quinta câmara, a Comissão de Legislação e Normas. Cada câmara era composta de cinco a seis membros e recebia solicitações diversas, como pedidos de auxílios financeiros, pareceres e estudos de diversas questões.

Ao Conselho cabia a responsabilidade de reconhecer cada instituição cultural, opinar sobre projetos de lei e normas jurídicas, que eram transformados em processos e analisados por responsáveis de cada área. Além disso, tinha como principais questões à reformulação da política cultura, a criação de conselhos estaduais de cultura, o consentimento de auxílios e outros. O Conselho Federal de Cultura recebia uma verba que permitia a execução de seus próprios projetos, como também daqueles que lhe eram solicitados.

O CFC produziu uma publicação periódica que recebeu o nome de **Cultura** e em 1971, ganhou um novo nome – **Boletim do Conselho Federal de Cultura** –, que continha os pareceres, as atas das reuniões, os artigos dos conselheiros, os acontecimentos da imprensa em geral e as legislações sobre as questões culturais.

O presente estudo está centrado nas discussões e deliberações internas da Câmara de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e no debate temático mais amplo realizado pelo Conselho Federal de Cultura acerca das questões do patrimônio. A Câmara de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional era composta, no período em questão, por Rodrigo de Mello Franco, Afonso Arinos, D. Marcos Barbosa, Raymundo Castro Maya, Hélio Vianna e Pedro Calmon, tendo como presidente Rodrigo de Mello Franco. A Câmara era a responsável pela análise dos pedidos de preservação e restauração de obras de artes, edificações tombadas e museus.

Na revista **Cultura** podem ser observados os procedimentos realizados pela câmara para decidir e recomendar ações sobre bens tombados. Para conservação dos bens eram necessárias medidas administrativas e jurídicas, que visavam proteger os monumentos, além dos serviços de estabilização e reparação, quando necessários.

Uma das principais questões que será analisada é a da diferença dos procedimentos adotados com relação ao Patrimônio entre a Câmara de Patrimônio do CFC e o SPHAN. A primeira tomava sob sua responsabilidade um conjunto maior de bens, ou seja, preocupava-se com bens passíveis ou não de tombamento, tendo em vista a importância dos mesmos para o conjunto da população. Já a ação do SPHAN limitava-se estritamente aos bens tombados.

Bibliografia

CALABRE, Lia. Balanço e perspectivas. In: RUBIM, Antonio Albino C.; BARBALHO, Alexandre. *Políticas Culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. Conselho Federal de Cultura: um histórico. In: CAMPOS, Cleise; LEMOS, Guilherme; CALABRE, Lia. *Políticas Públicas de Cultura do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2007.

Conselho Federal de Cultura. *Cultura*. Rio de Janeiro, 1966-1968.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. Patrimônio material e imaterial. In: CAMPOS, Cleise; LEMOS, Guilherme; CALABRE, Lia. *Políticas Públicas de Cultura do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2007.

Desejo do nacional – dramaturgia de José de Alencar

Bolsista: Juliana Tillmann (História / PUC-Rio)

Orientadora: Antonio Herculano Lopes

Projeto: O moderno, o nacional e o popular no teatro oitocentista: a comédia de Alencar.

Unidade / Setor: Estudos de Política Cultural

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: : setembro de 2007 a julho de 2008.

Desejo do Nacional – dramaturgia de José de Alencar

Verso e Reverso (...) fiel pintura de hábitos e tipos da época; (...) Há, sobretudo, um traço no talento dramático no Sr. Alencar, que ali aparece de maneira viva e distinta: é a observação das coisas, que vai até as menores minuciosidades da vida; e a virtude do autor resulta dos esforços que faz por não fazer cair em excesso aquela qualidade preciosa. (...)

O *Demônio Familiar* apresenta um quadro de família com o verdadeiro cunho da família brasileira; (...). Não supomos que o Sr. Alencar dê a suas comédias um caráter de demonstração; outro é o destino da arte; mas a verdade é que as conclusões do *Demônio Familiar*, como as conclusões da *Mãe*, têm um caráter social que consolam a consciência; ambas as peças, (...) são um protesto contra a instituição do cativo.

Machado de Assis, Semana Literária, *Diário do Rio de Janeiro*, 6 de março de 1866.

(...) O Sr. Dr. Alencar, depois de ter dado ao teatro uma comédia de pouco fôlego, cujo mérito principal consistia no espírito fino de observação, no desenho de certos tipos, e na graça e animação do diálogo, poucos dias depois nos brinda com um drama [O demônio familiar] onde se exaltam os mais belos sentimentos de família, onde lutam todas as paixões nobres, e cujo enredo simples e tocante tem por base um hábito que herdamos dos nossos avós, os escravos domésticos.

Francisco Otaviano, redator chefe do Correio Mercantil, 7 de Novembro de 1857.

(...) Se o [Teatro do] Ginásio morresse amanhã já teria prestado um serviço real.

Ao *Verso e reverso* deve seguir-se por estes dias a representação de uma comédia do mesmo autor e de maior vulto, que se intitula *Demônio familiar*. Talvez a essa se siga outra denominada *O Crédito*, que o Sr. Dr. Alencar concluiu há dias.

Sem assinatura, Correio Mercantil, 2 e 3 de Novembro de 1857, redator chefe – Francisco Otaviano – e proprietário do periódico – J. F. A. B. Muniz Barreto.

A partir de depoimentos contemporâneos a José de Alencar, é possível traçar o desejo da intelectualidade de construção de um teatro nacional e de uma dramaturgia nacional e, principalmente, o que pensavam e o que pretendiam em relação a um teatro nacional. Eram constantes as discussões sobre a função e a importância do mesmo, dentro de uma específica parcela da sociedade que participava da imprensa e das apresentações teatrais, ativamente ou como espectador-leitor.

O objetivo da presente pesquisa é identificar características e valores que nos possibilitem uma maior compreensão da sociedade oitocentista brasileira a partir das peças de José de Alencar, principalmente das suas comédias, e dos materiais relacionados à produção teatral do autor, como: artigos de jornal; relatórios do Conservatório Dramático; relatórios da polícia; cartas pessoais. Os conceitos de **moderno**, **popular** e **nacional** estiveram presentes, durante boa parte do século XIX, na vida dos intelectuais brasileiros.

O aspecto mais importante que pretendo demonstrar a partir desses documentos do período em questão é o sonho de construção de uma identidade, de uma literatura e de uma dramaturgia teatral nacionais e por consequência um público admirador das produções artísticas nacionais. Mais objetivamente, compreender o que se entendia por teatro nacional. As discussões do período sobre a função do teatro são muito importantes para a compreensão do cotidiano da Corte, seus hábitos e processos culturais. As obras de José de Alencar e todos os comentários gerados por elas são uma fonte para a construção de uma narrativa histórica que visa resgatar um pouco da percepção na qual a própria sociedade brasileira se via e se representava nos anos 50, 60 e 70 do século XIX.

Referências Bibliográficas:

DOCUMENTOS PRIMÁRIOS – cartas pessoais, periódicos e relatórios do governo. ALENCAR, José de. A comédia brasileira. In: ALENCAR, José de. *Comédias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1857.

_____. As asas de um anjo. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1858.

CHARTIER, Roger. A nova história cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano; PESAVENTO, Sandra Jatahy; VELLOSO, Monica Pimenta (Org.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa : Sete Letras, 2006.

LOPES, Antonio Herculano. *O moderno, o nacional e o popular no teatro oitocentista: a comédia de Alencar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

PRADO, Décio de Almeida. O realismo no teatro. In: *História concisa do teatro brasileiro*. São Paulo: Edusp, 1999.

SOUZA, Silvia C. M. de. Do Teatro de São Francisco ao Teatro Ginásio Dramático. In: *As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2002.

A teoria do Poder Constituinte na elaboração constitucional de 1987/1988

Bolsista: Leonardo da Silva Pereira (Faculdade de Direito/UCAM)

Orientadora: Júlio Aurélio Vianna Lopes

Projeto: Constituinte e Cidadania no Brasil: a elaboração constitucional de 1987/1988.

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em Direito

Agência de financiamento: FCRB/CIEE

Período da bolsa: : outubro de 2007 a julho de 2008.

A teoria clássica do Poder Constituinte é oriunda da Revolução Francesa, em especial do trabalho escrito pelo abade Emmanuel Joseph Sieyès (1748-1836), intitulado *Qu'est-ce que le tiers État?* (O que é o terceiro Estado?). De acordo com essa doutrina, este é a manifestação soberana da vontade política de um povo – que é suprema –, social e juridicamente organizado.

Segundo lição do constitucionalista Alexandre de Moraes, membro do Conselho Nacional de Justiça, a titularidade do poder constituinte, modernamente, tem sido atribuída ao *povo*, “pois o Estado decorre da soberania popular, cujo conceito é mais abrangente do que o de nação”. Desta forma, a doutrina ensina que a vontade constituinte é a vontade do povo, expressa por seus representantes. O ministro Celso Mello, corroborando essa perspectiva, ensina que as Assembléias Constituintes “não titularizam o poder constituinte. São apenas órgãos aos quais se atribui, por delegação popular, o exercício dessa magna prerrogativa”¹.

No processo constituinte realizado no biênio 1987-1988, muito se questionou quanto à adequação do procedimento adotado à teoria constitucional clássica. Em primeiro lugar porque, em vez de uma Assembléia Constituinte exclusivamente eleita para a elaboração da Constituição, atribuiu-se esta tarefa aos deputados federais e senadores a serem eleitos em 15/11/1986. Desta forma, determinou-se que os membros do Congresso Nacional seriam os membros da Constituinte. Ora, mas como isso era possível, se para a teoria clássica havia superação dos poderes constituídos pelo poder constituinte? Por isto mesmo, tal operação foi contestada pela Ordem dos Advogados do Brasil, por juristas renomados e pelas esquerdas fora (PDT, PT, PSB) e dentro do PMDB.

O objetivo do projeto foi demonstrar a influência da teoria constitucional (jurídica) clássica na elaboração da Constituição, no processo realizado em 1987-1988. Apresentamos a dogmática basilar

1 MELLO FILHO, José Celso. *Constituição Federal anotada*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

desta teoria, e oferecemos contrapontos práticos, levantados pela própria Assembléia Nacional Constituinte, quando do processo jurídico-político

Buscamos a reafirmação da influência do Direito no quadro político nacional, e a importância que a discussão de seus princípios tomou num momento de importância indiscutível para o País.

Trabalhamos com uma metodologia histórica, analisando documentos e outros registros do processo constitucional 1987-1988. Utilizamos, ao mesmo tempo, o método teórico, para contrapor aos fatos históricos pertinentes à nossa pesquisa as características da teoria que pretendíamos destacar.

Concluimos que a distinção tradicionalmente feita pela Teoria Constitucional não é pertinente nos moldes atuais do Neoconstitucionalismo. A separação do poder constituinte originário e do poder constituinte derivado – seja decorrente, seja reformador – não foi eficaz na elaboração constitucional brasileira, e, da mesma forma, não serviu de forma prática ao melhor desenvolvimento da Constituição.

Principais referências bibliográficas e documentais :

ANAIS DA ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE VOL. 1. Brasília: Senado Federal, 1994 (Subsecretaria de Anais / Secretaria de Documentação e Informação).

LOPES, Júlio Aurélio Vianna. *Lições de Direito Constitucional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

_____. *O espírito de 1988*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2003.

MELLO FILHO, José Celso. *Constituição Federal anotada*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

MORAES, Alexandre de. *Direito Constitucional*. 19. ed. São Paulo: Atlas, 2006

Vocabulário histórico-cronológico do português medieval: acréscimos, correções, exclusões.

Bolsista: Lisardo Lopes Gonzalez (Letras (Português-Literatura) / UERJ)

Orientadora: Ivette Maria Savelli Sanches do Couto

Projeto: Atualização do Vocabulário histórico-cronológico do português medieval

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em Filologia

Agência de financiamento: FCRB/CIEE

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008.

Introdução

Este trabalho se pauta no *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*, versão em *CD-ROM*, projeto idealizado e coordenado por Antônio Geraldo da Cunha, que se dedicou, de 1979 a 1999 (ano de sua morte) ao seu desenvolvimento.

Inicialmente, o vocabulário foi elaborado em fichas de papelão, datilografadas, e, a partir de 1999, foram iniciados o processo de digitalização e respectiva revisão dessas fichas, que culminou com uma publicação em *CD-ROM*.

Cada ficha compreende os seguintes itens: a palavra na forma do português atual, seguida da sua classe gramatical; a palavra na forma do português medieval (tal como aparece na obra consultada); o século a que pertence a obra; sigla da obra; localização da palavra na obra; e abonação.

A versão em *CD-ROM* compreende duas nominatas: verbetes no português atual e verbetes no português medieval, esta com maior número de palavras, uma vez que, para cada palavra na forma atual pode haver uma série de variantes na forma medieval.

Na atual participação no projeto, trabalhei com as pilhas dos papéis impressos que correspondem aos verbetes que compõem o banco de dados, gerado a partir da digitalização das fichas datilografadas existentes nos arquivos do Setor de Filologia. Nestes impressos estão as emendas, manuscritas, dos revisores.

Cabe esclarecer que, em virtude da premência da publicação do *Vocabulário*, essas anotações foram guardadas para uma futura conferência, tarefa à qual me dedico no momento, ou seja, verifico se as correções feitas pelos revisores, na fase de digitalização, sofreram as respectivas emendas para a versão 2007 do *CD-ROM*.

Objetivos

Atualizar constantemente o *Vocabulário*, com a inclusão de novos verbetes. Corrigir falhas que, por alguma razão, não tenham sido detectadas quando de sua elaboração.

Metodologia

Utilização da versão do *Vocabulário*, em *CD-ROM*, para conferir se as emendas já foram incorporadas, anotando, sempre, as que ainda não foram corrigidas, para a devida alteração em futuras atualizações. No entanto, concomitantemente à tarefa principal, outras anotações são feitas, de acordo com as minhas observações, como, por exemplo, a divergência da palavra na entrada do verbebo com palavra constante na abonação.

Algumas rotinas de trabalho se mantiveram, tais como: consulta, quando possível, às obras utilizadas para a elaboração do *Vocabulário* para ampliar a abonação nos casos em que esta não é suficiente para visualizar a palavra no contexto; pesquisa a *sites* na internet e consulta a dicionários, para melhor esclarecimento das abonações. Outra ocorrência importante é a leitura das abonações extensas (com mais de três linhas) para reduzi-las, sem prejuízo do contexto.

Conclusão

O VPM é uma importante ferramenta de consulta para pesquisadores, medievalistas e para os estudiosos da história da língua em geral, dados a extensão da obra e o seu pioneirismo.

Referências bibliográficas e documentais

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Índice do vocabulário do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986 (v.1: A), 1988 (v.2: B-C), 1994 (v.3: D).

_____. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006. 1 *CD-ROM*. Dicionários da língua portuguesa atuais e antigos

O desenvolvimento sustentável e suas implicações culturais

Bolsista: Luís Mario de Brito Júnior (Ciências Sociais/UCAM)

Orientador: Euclides Mauricio Siqueira de Souza

Projeto: O lugar da cultura na idéia de desenvolvimento sustentável

Unidade/Setor: Estudos de Política Cultural

Agência de Financiamento: FCRB/CIEE

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008.

Nossa pesquisa faz parte da primeira fase do projeto “O lugar da cultura na idéia de desenvolvimento sustentável” e trata de identificar qual o papel conferido à cultura por alguns dos formuladores dessa idéia. Sua relevância “deve-se à crescente importância atribuída recentemente por agentes públicos e privados no Brasil, (...) ao papel da cultura na implementação de um modelo de desenvolvimento sustentável” (Souza, 2007: 01-02). Partimos da constatação, nos dias atuais, de uma crise teórica e prática na relação entre o homem e seu ambiente, o que nos impõe repensarmos nossas representações da natureza e do saber tecno-científico. O desenvolvimento sustentável emerge como uma das possíveis respostas ao referido quadro de crise. No que diz respeito ao conceito de cultura, adotamos como base a compreensão de cultura definida pela atual gestão do Ministério da Cultura do governo brasileiro, “que articula três dimensões vitais: a cultura como expressão simbólica (estética e antropológica), a cultura como direito e cidadania de todos os brasileiros, a cultura como economia e produção de desenvolvimento”¹.

O primeiro passo para a compreensão da idéia de desenvolvimento sustentável foi a tentativa de entender em que contexto ela foi pensada. Para tanto, trabalhamos com o Relatório da Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento que define desenvolvimento sustentável como “*aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades*” (Nosso Futuro Comum, 1991: 46). Em seguida, na Agenda 21, principal documento dos encontros da Rio 92, em conjunto com a obra de Ignacy Sachs, um dos ideólogos das idéias ecodesenvolvimentistas, pudemos acompanhar as reformulações em torno desse conceito (Sachs, 1993). Consideramos, ainda, outros textos de autores que vêm propondo e pensando idéias de sustentabilidade, desenvolvimento e crise que envolve homem e natureza. Em suma, seguindo a cronologia das obras, percebemos uma gradativa valorização e preocupação com os aspectos culturais

¹ <http://www.cultura.gov.br/upload/programa%20cultural%20para%20desenvolvimento%20do%20brasil_1174326644.pdf> disponível em: 23 jan. 2008

que envolvem as sociedades na hora de se conceber qualquer plano de desenvolvimento. No início da leitura da bibliografia, enquanto dialogávamos com os primeiros autores, pudemos perceber que foi pouca a atenção que deram à cultura, a não ser em seus aspectos mais secundários. Posteriormente localizamos indicações que deram pistas mais consistentes em relação ao papel da cultura no presente contexto, indicações estas que apontam as idéias de desenvolvimento sustentável como possibilidades de transformações e revisões conceituais que estariam em curso, envolvendo uma disputa por espaços políticos e suas pautas. Ou melhor: uma nova arena política estaria se constituindo com “(...) uma nova percepção daqueles recursos humanos e naturais que garantirão a produtividade, o lucro e, também, a vida no futuro” (Ribeiro, 1997: 475).

Guattari nos alerta que as forças do capital têm voltado sua atenção aos modos de produção de subjetividade (cultura, conhecimento, sensibilidade, desejos etc.), descentrando suas forças da produção de bens e serviços materiais e as direcionando para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por meio do controle da mídia e da publicidade, atingindo as mais profundas esferas subjetivas do indivíduo e da coletividade humana (GUATTARI, 1997: 31-34). Nessa linha de raciocínio, Antônio Negri e Giuseppe Cocco apontam modificações significativas nas antigas relações de trabalho, modificações que, quanto antes sejam apreendidas, podem nos colocar em posição privilegiada nesse novo cenário global. Nesse sentido, o trabalho imaterial passa a ocupar o centro da cena, e essa alteração passa a ser objeto de atenção e disputa entre as tendências do capitalismo mundial e a nova constituição de um espaço público. Assim, emergem questões como a cidadania como condição produtiva, a educação e a cultura, os serviços públicos e as infra-estruturas de comunicação, que passam a representar nossa maior riqueza (NEGRI e COCCO, 2005: 134).

Referências Bibliográficas

- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD), *O Nosso Futuro Comum*, 2ª Edição, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas; Editora Papirus; 6ª Ed, 1997.
- NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe Mario. *Glob(AL): biopoder e lutas em uma América Latina globalizada*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- RIBEIRO, Ana C.T. Desenvolvimento sustentável : novas redes e novos códigos. In: BECKER, Bertha; K. MIIRANDA, Mariana (Org.). *A Geografia Política do desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 47 1-492.

O exercício do pastiche em *Papéis avulsos*

Bolsista: Marcelo da Rocha Lima Diego (Letras / UFRJ)

Orientadora: Marta de Senna

Projetos: Índice analítico das citações e alusões na ficção de Machado de Assis/Edição dos romances de Machado de Assis como hipertextos

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa Ruiana

Agência de financiamento: CNPq

Período da bolsa: novembro de 2007 a julho de 2008

A partir de *Papéis avulsos*, têm lugar, no conto de Machado de Assis, narrativas que ultrapassam os limites do real. Tamanho salto demandou inovações estilísticas. John Gledson observa que, nos escritos dessa fase, "é como se ele tivesse que criar uma forma própria para cada conto: diálogo, pastiche, sátira, contos longos, médios, curtos."

Esta compensação entre forma e conteúdo permite projetar, em *Papéis avulsos*, uma relação proporcional entre o gênero do conto e a aceitabilidade do seu enredo, pela qual, quanto mais verossímil a história e mais tradicional a sua forma, menor a necessidade de fazê-la crível; e, quanto mais inverossímil a trama e mais inventivos os expedientes narrativos, maior o esforço para estabelecer o pacto de veracidade.

Nos contos "Na arca" e "O segredo do bonzo", o elemento estruturante da narrativa é o jogo intertextual. "Na arca" narra uma história situando-a no interior do episódio genesíaco do Dilúvio, no momento em que Noé e sua família, bem como um casal de cada espécie do reino animal, encontram-se refugiados dentro da arca. O subtítulo do conto diz: "Três capítulos inéditos do Gênesis", e qualquer leitor minimamente familiarizado com o texto bíblico reconhece não apenas a temática, mas também a retórica característica da Bíblia: o texto é dividido em capítulos e versículos; a narrativa começa *in medias res*; o tom tanto do narrador quanto dos personagens é direto e solene; as metáforas evocam imagens comuns a outros trechos da Bíblia.

Nesse conto, há uma transfiguração global do texto-matriz através de um processo de imitação, naquilo que Gérard Genette conceituou como "pastiche": um recurso transtextual, pois obedece a uma lógica derivacional – de um texto-matriz, hipotexto, é obtido, por decalque (cópia de elementos), o texto segundo (o pastiche). A partir dessa conceituação do gênero pastiche, é possível penetrar no conto "O segredo do bonzo", que já revela sua transtextualidade no subtítulo: "Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto". O hipotexto que serve de base para o conto são as *Peregrinações*, obra do século XVI português, na qual Mendes Pinto narra suas viagens, verídicas, pelo Oriente. Rodrigues Lapa comenta

que, não obstante o fato de a narrativa inscrever-se no quadro das crônicas históricas que descreviam as expansões ultramarinas portuguesas, as *Peregrinações* devem ser lidas como memórias, pois a veracidade e a precisão dos fatos narrados são bastante contestadas: o autor confunde datas, troca localizações, exagera e estiliza, em uma prosa fascinante, repleta de descrições apuradas, na qual o exótico, seara fértil de possibilidades, beira o mágico.

Chamando para si outros registros e outras vozes, Machado adensa sua escrita e se permite transitar em realidades que são exclusivamente ficcionais: solidificando os pactos de veracidade, penetra em inextricáveis matizes do fantástico; pastichando narrativas inaugurais, instaura uma temporalidade que se sobrepõe ao tempo; relendo o cânone, inscreve-se nele.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1938.

GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo. In: ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 1, p. 15-55 (a citação está na p. 30-31).

LAPA, Manuel Rodrigues. Prefácio. In: PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinações*. Lisboa: Col. Textos Literários, 1954. p. XII-XIV

SARAIVA, António José e LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 6. ed. Porto: Porto Editora Ltda. p. 319-324.

SÁ REGO, Enylton. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SENNA, Marta de. *Alusão e zombaria: considerações sobre citações e referências na ficção de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: FCRB, 2003. (a citação está na p. 11)

<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/pastiche.htm> ; [http://www.infopedia.pt/\\$pastiche](http://www.infopedia.pt/$pastiche)

<http://www.machadodeassis.net> (acessados em 24/05/08).

O Americanismo em sua gênese: atuação e desdobramentos

Bolsista: Marcelo Luiz Freitas Moreira (História / UERJ)

Orientadora: Christiane Laidler de Souza

Projeto: O Americanismo e o Estado Brasileiro (1899 -1948)

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em Direito

Agência de financiamento: FCRB / CIEE

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

INTRODUÇÃO

O ano de 1889 é marcado por dois acontecimentos distintos, porém convergentes: a 1ª Conferência Pan-americana e o advento do regime republicano no Brasil.

Idealizada pelo então Secretário de Estado norte-americano James Blaine, essa conferência tinha por objetivo ampliar o intercâmbio comercial entre os Estados Unidos da América e seus vizinhos do sul. O ideal pan-americano foi instrumentalizado a favor dos interesses estadunidenses.

Ao mesmo tempo, nascia a República no Brasil. Diferentemente do regime imperial, que procurava afastar-se de seus vizinhos americanos e pretendia ser um pedaço da Europa na América, os comandantes do novo regime reorientaram a política externa brasileira, procurando aproximar-se dos Estados Unidos da América, indo ao encontro do já citado interesse norte-americano.

No início do século XX, o americanismo já era um fato consumado e os debates acerca dele abundavam no meio intelectual brasileiro. Nomes como Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Eduardo Prado, Oliveira Lima, Manuel Bonfim, entre outros, travavam intensos debates, seja por meio de jornais, livros ou revistas acerca do assunto. Esses debates serão aqui expostos, bem como o desenrolar das três primeiras conferências pan-americanas.

OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são analisar e identificar os objetivos da organização pan-americana, suas instituições, os tratados e convenções que foram promovidos nas três primeiras Conferências Pan-americanas.

Um segundo objetivo é o de analisar os debates acerca do americanismo no Brasil, as posições favoráveis e contrárias e os argumentos utilizados para tanto.

METODOLOGIA

Como fontes primárias, foram utilizadas as atas e relatórios finais das conferências, relatórios esses redigidos pelos delegados representantes do Brasil nessas conferências.

Após o levantamento das três primeiras conferências, começamos a leitura da bibliografia principal, sempre cruzando com o levantado nas atas e relatórios das conferências, chegando ao principal veículo de comunicação para o debate acerca do americanismo: a *Revista Americana*.

CONCLUSÕES

No Brasil, a receptividade ao americanismo foi muito positiva; obviamente, não houve unanimidade. Entretanto, a corrente favorável era muito maior do que a corrente contrária.

Acreditamos que o ápice e consolidação dessa relação se deu no período compreendido entre 1902 e 1912, não por coincidência período no qual a pasta das Relações Exteriores foi ocupada pelo Barão do Rio Branco.

Enfim, a primeira década do século XX é um período ímpar para o Brasil, no que concerne às suas relações internacionais.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

Arquivo Histórico do Itamaraty, 273/03/04/05/06/07/08

Arquivo Histórico do Itamaraty, L.230/M.3781 a 3784.

BUENO, Clodoaldo. A República e sua política exterior (1889 a 1902). São Paulo: Editora da UNESP/ Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1995.

_____. Política externa da Primeira República. Os anos de apogeu - de 1902 a 1918. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIMA, Oliveira. Pan-Americanismo (Monroe-Bolívar-Roosevelt). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907.

PRADO, Eduardo. A Ilusão Americana. São Paulo: Brasiliense, 1958.

Os debates de Felisbello Freire

Bolsista: Márcio Verani (Faculdade de Direito Evandro Lins e Silva / IBMEC)

Orientador: Christian Edward Cyril Lynch

Projeto: Os anti-Rui Barbosa: a obra e a atuação política de Felisbello Freire

Unidade/Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em Direito

Agência de financiamento: FCRB/CIEE

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

Nascido em 1858, em Sergipe, Felisbello Freire formou-se médico em Salvador e cedo ingressou na vida política, militando pela causa republicana, que o levou a ser o primeiro governador de seu estado, após a instauração do novo regime, em 1889. Ministro da Fazenda e do Exterior do governo Floriano Peixoto, foi eleito deputado diversas vezes, cargo que ocupava quando morreu, em 1916.

Destaca-se em sua extensa obra (que inclui estudos científicos, históricos e políticos) a *História Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil* e a *História da Revolta de 6 de setembro de 1893*, que serviram de base à presente pesquisa, a qual tem por objetivo lançar luz sobre a sua figura, muito pouco estudada, esclarecendo sua posição política, observada em contraponto à de Rui Barbosa – de quem era adversário declarado – e a partir de acontecimentos importantes do cenário político de fins do século XIX e início do XX. Também foi abordada a polêmica em que se envolveu com Joaquim Nabuco a respeito da Revolta da Armada, sobre a qual cada um escreveu sua versão, o que resultou em duas obras antagônicas.

Sobretudo na *História Constitucional*, evidencia-se a influência, sobre o pensamento de Felisbello, do autor italiano Achille Loria (1853-1943), que se utilizou de elementos do positivismo, do liberalismo e do socialismo para criar uma teoria própria, na qual as estruturas econômicas desempenhariam papel central no desenvolvimento sóciopolítico.

A pesquisa concentrou-se nas obras de Felisbello, Rui e Nabuco, e nos discursos que os dois primeiros proferiram no Congresso, especialmente a respeito do estado de sítio e do *habeas corpus*, sobre os quais tinham visões distintas, expressadas nos momentos de crise, quando onde eram utilizados ambos os institutos jurídicos. Buscou-se identificar as posições defendidas pelos autores/oradores com os grupos que então atuavam no cenário político, contextualizando assim os debates e idéias.

Felisbello revelou-se um pensador e político conservador, com traços liberais e positivistas (típico do pensamento de Loria), tenaz partidário do presidencialismo e do Poder Executivo, defensor

da ordem institucional, ainda que em prejuízo das garantias constitucionais, como fica claro desde seu livro sobre a Revolta da Armada e de sua posição no parlamento a respeito do estado de sítio, até seus discursos, mais de dez anos depois, em que defende a atuação do governo durante a Revolta dos Marinheiros, sempre com base em interpretações conservadoras do texto da Constituição.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Rui. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Imprensa Nacional, 1949. v. XX.

DOCUMENTOS PARLAMENTARES – Estado de sítio (1891-1914). Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1917.

FREIRE, Felisbello. *História Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1894.

. *História da Revolta de 6 de setembro de 1893*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

LORIA, Achille. *La teoria economica della costituzione politica*. Torino: Fratelli Bocca, 1886.

NABUCO, Joaquim. *A intervenção estrangeira durante a revolta de 1893*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

SANTOS, Francisco José Alves dos. *A marcha da civilização: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1998. Tese de Doutorado.

As crônicas de Artur Azevedo publicadas na seção “O Teatro” do jornal *A Notícia*

Bolsista: Maria Cristina Antonio Jerônimo (Letras – UFF)

Orientadores: Flora Süssekind e Rachel Valença

Projeto: A crônica teatral de Artur Azevedo – 3ª etapa

Unidade/Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em Filologia

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

O projeto em questão tem como objeto de estudo as crônicas de Artur Azevedo publicadas na seção “O Teatro” do periódico *A Notícia*. Nosso *corpus* abarca os anos de 1894, 1895, 1896, 1897 e 1898. Artur foi colaborador nessa mesma seção até o ano de 1908 – ano de sua morte.

A natureza das crônicas é muito variada. Obviamente, o cronista, na função de crítico de teatro, analisa o panorama e universo teatral daquela época, mas nesse caso, que já não seria de pouca relevância, a pena do escritor vai mais adiante e o que temos é uma verdadeira miscelânea cultural – a então Capital Federal e todas as transformações tão características dos finais do século XIX e início do XX servem de palco para a verve de um autor muito peculiar.

Se o traço de A.A. que mais avulta em nossa lembrança é o de um escritor bonachão, amante do riso, de uma particularidade pitoresca, observamos que as crônicas, além de corroborarem essa primeira imagem de Artur Azevedo, apontam para um crítico na melhor acepção do termo: um homem preocupado com as questões político-sociais de seu tempo e um defensor fervoroso do teatro brasileiro, e não raras vezes, da arte brasileira.

O projeto vem sendo desenvolvido desde o final da década de 1980, por duas pesquisadoras da Fundação Casa de Rui Barbosa, e como fruto já foram publicados: em 1986, de *O Tribofe*: revista fluminense de 1891, de autoria de Artur Azevedo, acrescida de um estudo crítico; e, no mesmo ano, outro título: *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*, ensaio sobre este gênero teatral (a revista de ano). Essas publicações constituem os primeiros resultados do projeto, cuja intenção é trazer a lume um escritor marginalizado pelo cânone.

O objetivo do nosso projeto consiste na elaboração de uma edição comentada dessas crônicas, ainda inéditas em livro. Vale ressaltar que essas pesquisas ocorrem graças a Aluísio Azevedo Sobrinho, filho de Artur Azevedo, que salvaguardou esse material, recolhendo-o e posteriormente doando-o à FCRB, sendo a referida instituição a única a ter a coleção completa.

Quanto aos pressupostos metodológicos, podemos dizer que, num momento inicial, priorizamos: a leitura atenta das crônicas, o cotejo com os originais microfilmados, a correção de erros tipográficos, o estabelecimento dos padrões editoriais, e o recenseamento de termos variados que irão compor os apêndices ou necessitarão de notas exegéticas. No momento atual enfocamos: as pesquisas que compõem esses suplementos e a revisão de todo o texto, para que o estabelecimento do mesmo seja o mais fidedigno possível.

Temos convicção de que o conteúdo variado dessas crônicas será de grande valia para os estudos de teatro no Brasil, além de fornecer informações preciosas sobre o cotidiano do Rio de Janeiro daquela época, constituindo assim um material de grande relevância para qualquer leitor que queira vislumbrar o panorama cultural brasileiro do período em questão.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Artur. *Crônicas de Artur Azevedo publicadas em A Notícia: anos: 1894, 1895, 1896, 1897, 1898*. Rio de Janeiro, 2008. Não publicado.

_____. *O tribofe: revista fluminense de 1891*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Nova Fronteira, 1986.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Arthur Azevedo e sua época*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1955.

SEIDL, Roberto. *Artur Azevedo*. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937.

SÜSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Nova Fronteira, 1986.

Cenário de conflitos: disputas no campo cultura (1970-1979)

Bolsista: Miriane da Costa Peregrino (Arquivologia – UFF)

Orientadora: Lia Calabre

Projeto: A ação federal na cultura: memória e história

Unidade/Setor: Estudos de Política Cultural

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

Muitas são as características da política cultural oficial no Brasil pós-64. O presente trabalho busca identificá-las ao longo da década de 1970, partindo de sua relação com instrumentos de cultura e analisando as influências que sofria e exercia, política e culturalmente. Aqui o arquivo é o principal instrumento de cultura analisado. No que tange ao arquivo podemos indagar o seu lugar e as suas funções dentro da concepção oficial de cultura.

Mas o que seria moderno e o que seria conservador na concepção de cultura desse período? A pesquisa aqui realizada nos apontou algumas direções, sendo possível afirmar que a política cultural oficial no Brasil era marcada por ações conservadoras que valorizavam um patrimônio histórico cultural monumentalizado e elitizado. À cultura popular era reservado o lugar da tradição folclórica, cujos costumes eram sacralizados. A justificativa dessas ações estava alicerçada no discurso político de então, do qual foi possível extrair pelo menos duas preocupações constantes na agenda dos governos militares (1964-1984): a *segurança* e o *desenvolvimento nacional*. Essas preocupações marcaram os discursos de diversas áreas, cabendo aqui destacar a cultural.

As instituições culturais brasileiras alegavam que um país desenvolvido também caracterizava-se pela proteção que dispensava à sua história e memória cultural, e que a segurança nacional dependia igualmente da defesa desse patrimônio, que representava a nação sob diversas formas. Não raro encontramos os temas da “segurança nacional” e do “desenvolvimento nacional” registrados nas falas das instituições investigadas na presente pesquisa: o Conselho Federal de Cultura-CFC (1966-1990) e o Arquivo Nacional-AN, especificamente no período aqui analisado (1970 a 1979). Essas falas procuravam não apenas legitimar a política oficial, mas as próprias ações das instituições dentro do contexto político, econômico e social de então.

A metodologia de estudo baseou-se na leitura de publicações dos atores investigados: o CFC e o AN, ao longo da década de 1970, e na documentação do Arquivo CFC/MinC, depositado no Palácio Capanema, além de obras relativas à cultura e à política da época. Procurou-se trabalhar com a contextualização política do período estudado e com as políticas culturais de então, a partir da

identificação de caminhos que constantemente se entrelaçam. Assim, foi possível identificar que a área da cultura era um cenário de conflito, não expressamente declarado nas fontes pesquisadas, mas de presença constante nas discussões que revelam uma disputa política, ideológica, que buscava preservar a memória oficial.

No campo das políticas culturais, entrava em cena nesse momento uma proposta moderna para proteção, conservação e divulgação do patrimônio histórico cultural: a criação de *sistemas nacionais de informação*. Os sistemas nacionais de informação foram, na década de 1970, estimulados pela Unesco, com repercussão intensa no Brasil. Projetos de criação de um sistema nacional de informação, espelhados no modelo internacional, foram apresentados, mas não implementados. Se, por um lado, o Arquivo Nacional/MJ trazia um novo projeto de Sistema Nacional de Arquivos (Sinar) que integraria, ao lado do Sistema Nacional de Bibliotecas, o chamado Sistema Nacional de Informação, por outro, o Conselho Federal de Cultura/MEC apresentou proposta de um Sistema Nacional de Cultura, ao qual sistemas nacionais de arquivos, de bibliotecas, de museus estariam ligados, aparentemente como subsistemas.

Referências bibliográficas

BOLETIM DO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA (1971-1979)

CALABRE, L. O Conselho Federal de Cultura- 1971-1974. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, n.7, p. 81-98, jan./jun., 2003.

GONÇALVES, J. R.. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 2002.

JARDIM, J. M. *Sistema e Políticas Públicas de Arquivos no Brasil*. Niterói: EDUFF, 1995. MENSÁRIO DO ARQUIVO NACIONAL. (1970-1980)

MICELI, S.(org). *Estado e Cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.

REIS, D. A., et al.(orgs). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

A representação do corpo brasileiro no Teatro de Revista

Bolsista: Pâmela Peregrino da Cruz (Artes Cênicas/Teoria do Teatro/UNIRIO)

Orientadora: Mônica Pimenta Velloso

Projeto: Sensibilidades urbanas: escritas falas e gestualidades da brasilidade modernista.

Unidade/Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em História

Agência de financiamento: PIBIC/CNPq

Período da Bolsa: março a julho de 2008

As discussões quanto à identidade nacional do início do século XX permeiam diversos aspectos da sociedade urbana desse período. A história nacional, o idioma, o processo de urbanização, a religião, os gestos, a fala, o corpo são elementos que foram sendo selecionados pela intelectualidade brasileira em tentativas de definir-se um quadro de características que legitimaria o Brasil enquanto nação. Um espaço privilegiado para encontrar esse debate é a produção artística desse período: a literatura, a música, a dança, o teatro, a arte plástica bem como as discussões que essas obras causaram em sua recepção.

Para compreender como o debate sobre ao corpo brasileiro, enquanto símbolo de identidade nacional, se apresentava para diversos segmentos da sociedade carioca do início do século XX, busco analisar a representação do corpo nos textos das peças de Teatro de Revista desse período. Este gênero teatral, que começou a ser praticado ainda no século XIX, sofreu diversas transformações. A pesquisa irá focar as décadas de 1910 e 1920 que, segundo a periodização feita por Neyde Veneziano¹, correspondem ao momento de transição do Teatro de Revista de Ano (típica das décadas de 1890 e 1900) para a Revista como um grande *show* da década de 30. O período selecionado é marcado pela inserção definitiva de ritmos populares no Teatro de Revista brasileiro, além da definição de suas características nacionais. Selecionei esse período, pois, nele o lugar do corpo se destaca com inserção das danças e mudanças nos figurinos, mediando a tensão entre a valorização de suas características nacionais e os novos padrões de beleza que iam se impondo com a exposição dos corpos. Assim, o objetivo central do projeto é investigar a representação de um corpo brasileiro nos textos das peças do Teatro de Revista, no intuito de contribuir para a compreensão da “constituição de uma sensibilidade modernista brasileira centrada no corpo”². A análise dos textos teatrais irá buscar referências sobre o corpo quanto a questões relativas a gênero, sexo, raça, espaço, higiene, saúde, padrão de beleza e

1 VENEZIANO, Neyde. *O Teatro de Revista no Brasil*, Capítulo I.

2 VELLOSO, Mônica P. “A dança como alma da brasilidade”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. N° 7, 2007

eugenia, tratamento público privado do corpo, intelectualidade e moral. Para tanto, a pesquisa se baseará na análise de textos do Teatro de Revista (publicados ou disponíveis nos Arquivos da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Distrito Federal, Arquivo Nacional, no Acervo da Companhia Pascoal Segretto na Seção de Música da Biblioteca Nacional e, ainda, no acervo de textos teatrais e dossiês do CEDOC-FUNARTE). Para possibilitar a compreensão da dimensão da repercussão dos espetáculos serão considerados artigos de periódicos de grande público do período, como *O Malho*, *Fon-Fon!*, *Para todos...*

Embora o Teatro de Revista tivesse como público principal pessoas de classe baixa e média, as peças não serão consideradas como possuidoras de um caráter “puramente popular”, eram produzidas para um público amplo, constituindo-se como movimento de comunicação de massas. Ao invés disso consideraremos a circularidade da cultura nas diversas camadas sociais, as possíveis determinações de uma sobre a outra. Embora o público fosse *popular*, a criação e produção artística era feita, muitas vezes, por estrangeiros, empresários... O que se revela não é a “cultura popular”, mas sim as representações e incorporações que cada classe fazia do conteúdo apresentado.

Como, em virtude do pouco tempo na pesquisa, o trabalho apresentado é um Projeto de Pesquisa, não possui conclusões a serem apresentadas.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de; JULIA, Dominique. A beleza do morto: o conceito de cultura popular. In: REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. Lisboa : Difel, 1989.

GÓMEZ, Zandra Pedraza. “Corpo, pessoa e ordem social”; RAMOS, Maria Bernadete. Perfectíveis corpos – corpo nação: territorialidades imponderáveis. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, N° 25, dez. 2002.

HERCULANO, Antonio (Org.). *Entre a Europa e a África: a invenção carioca*. 1. ed. Rio de Janeiro, TopBooks/FCRB, 2000.

VELLOSO, Mônica P. “A dança como alma da brasilidade.” *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. N° 7, 2007. disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document3709.html> Acesso em 28 fev 2008.

VENEZIANO, Neyde. *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e convenções*. 1. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1991.

Projetos de Brasil nas páginas do *Correio Braziliense*

Bolsista: Robertha Pedroso Triches (História/UFF)

Orientadora: Isabel Lustosa

Projeto: Hipólito da Costa e o Brasil

Unidade/Setor: Centro de Pesquisa / Pesquisa em História

Agência de Financiamento: PIBIC/CNPq

Período da Bolsa: agosto de 2007 a julho de 2008

Hipólito da Costa foi um personagem de biografia rápida e intensa. Nascido em 1774, na Colônia de Sacramento, na época parte integrante da Cisplatina, passa a adolescência no Rio Grande, forma-se em Portugal, onde é preso pela Inquisição, conhece os EUA e vive a maior parte de sua vida na Inglaterra, morrendo em Londres em 1823. Nesse intervalo de idas e vindas, ele iria se transformar no primeiro jornalista brasileiro, através da publicação de seu jornal *Correio Braziliense*, destinado aos portugueses nascidos no Brasil. Publicado em Londres, o *Correio Braziliense* cobre um período importante de nossa história, indo desde a partida da Corte portuguesa para o Brasil até a Independência do país. Em suas páginas ficaram registrados não só acontecimentos importantes da época como também os projetos de nação do jornalista para o Brasil, refletindo suas influências teóricas bem como as experiências vividas em outras realidades.

A pesquisa estruturou-se a partir da leitura e análise da edição fac-similar do *Correio Braziliense*, organizada por Isabel Lustosa e Alberto Dines. A coleção é formada por 29 volumes, tendo cada um deles cerca de 600 páginas, correspondentes a 6 números do jornal. Cada número, mensal, estava dividido em seções: Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciências e Miscelânea. Esta última se dividia quase sempre em duas partes: Novidade do mês e Reflexões sobre as novidades do mês. Era principalmente nas *Reflexões* que Hipólito apresentava suas análises críticas sobre as notícias do Brasil e foi sobre essa seção que concentramos nossa atenção.

Com o objetivo de perceber qual era o projeto de nação que ele estava defendendo, centramos nossos esforços nas análises feitas pelo jornalista a respeito do Brasil e do Império Português. Procuramos levantar as principais críticas tecidas ao país, no que tange aos problemas administrativos, políticos, sociais e culturais, as políticas propostas por Hipólito para a resolução desses problemas, além das políticas adotadas pelo governo português aprovadas por ele. Essa pesquisa teve como uma das hipóteses fundamentais a de que Hipólito da Costa, estando fora do Brasil, alheio aos conflitos entre as províncias que o compunham e obtendo através de seus estudos uma visão mais clara das

potencialidades de suas partes, pôde, de forma mais objetiva, estabelecer as principais características da nação brasileira e do modelo político que mais lhe convinha.

Ao longo de todo esse processo nunca perdemos de vista a importância da biografia do jornalista para a conformação de seu pensamento político. As experiências em outros países e as amizades formadas contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento de um pensar específico sobre o Brasil. Em Portugal, filiou-se ao grupo que se reunia em torno de D. Rodrigo de Souza Coutinho, ministro da Marinha e Ultramar e presidente do Real Erário, do qual também fazia parte José Bonifácio de Andrada, dividindo com eles o sonho de construção de um grande império luso-brasileiro. Mas a viagem aos EUA o colocaria diante da grande experiência democrática e republicana do país, o que implicaria um reexame de seu discurso político. Por fim, os anos vividos na Inglaterra e o contato com suas instituições políticas completariam sua formação e absorção de uma cultura política liberal.

Este trabalho, portanto, busca discutir a atuação política do jornalista Hipólito da Costa no *Correio Braziliense*, procurando analisar as características de seu projeto para o Brasil e as transformações que esse projeto foi sofrendo ao longo da permanência da Corte e da iminência de um processo de Independência, tendo sempre como referência suas influências intelectuais e políticas. À guisa de conclusão, podemos dizer que a pesquisa nos permitiu observar como o jornal contribuiu para reforçar a idéia do Brasil como nação, unindo as suas várias partes, até então em perigo de fragmentação, em uma unidade política e mesmo simbólica.

Referências Bibliográficas

COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Ed. Fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília: Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, 2001-03.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: a Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. *A Utopia do Poderoso Império*. Portugal e Brasil: Bastidores da Política (1798-1822). Rio de Janeiro: Sete Letras, 1994.

NEVES, Lucia Maria Bastos P. "Pensamentos Vagos sobre o Império do Brasil". In: COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Ed. Fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília: Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol.30, pp. 469-513, 2001-03.